



PERSPECTIVAS BRASILEIRAS PARA O BRICS

NÚCLEO **ÁSIA**

Junho, 2022



CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

www.cebri.org

**#2 Think Tank na América
do Sul e Central**

*University of Pennsylvania's Think Tanks
and Civil Societies Program 2021 Global Go
To Think Tank Index Report*

PENSAR
DIALOGAR
DISSEMINAR
INFLUENCIAR

O Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI) é um *think tank* independente e plural, que há mais de vinte anos se dedica à promoção do debate propositivo sobre a política externa brasileira.

O CEBRI é uma instituição sem fins lucrativos, com sede no Rio de Janeiro e reconhecida internacionalmente, que propõe soluções pragmáticas e inovadoras para alavancar a inserção internacional positiva do país dentro do contexto global.

Formado por figuras proeminentes na sociedade brasileira, o Conselho Curador é parte fundamental da rede apartidária, diversa e plural do CEBRI, composta por mais de 100 especialistas de diversas áreas de atuação e de pensamento.

As atividades do CEBRI são organizadas em torno de 14 Núcleos Temáticos, coordenadas por membros do Conselho do CEBRI e *Senior Fellows*.

NÚCLEO ÁSIA

O núcleo realiza o acompanhamento sistemático de questões relevantes às relações internacionais e ao desenvolvimento brasileiro, em particular daquelas relacionadas à China. Atenção especial tem sido dada ao acompanhamento das reformas econômicas em curso e transformações políticas na China e na Ásia, considerando seus efeitos globais e impactos sobre a América Latina e o Brasil. Esse exame contínuo permite fornecer informações e análises aos membros e parceiros do CEBRI e ao governo brasileiro, como forma de contribuir para a construção de um posicionamento estratégico do Brasil em relação à região, e assim auxiliar na redução do déficit de conhecimento sobre a China e a Ásia na sociedade brasileira.



PERSPECTIVAS BRASILEIRAS PARA O BRICS

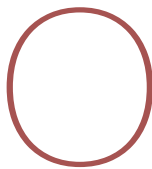
NÚCLEO **ÁSIA**

Junho, 2022

Índice

6	Apresentação
7	Sumário Executivo
10	Resumo das Recomendações

APRESENTAÇÃO



projeto “Perspectivas Brasileiras para o BRICS – 2022”, desenvolvido pelo CEBRI a convite da Embaixada da China no Brasil, teve por objetivo mapear tendências e definir estratégias e proposições concretas para, a partir de uma visão brasileira, informar a agenda e aprimorar a atuação conjunta e a inserção internacional do Grupo, cuja presidência rotativa cabe à China em 2022.

O desenvolvimento, coordenação e resultados do projeto couberam ao CEBRI e, além do objetivo original, constituem contribuição para o debate sobre o BRICS no Brasil. O CEBRI agradece à Embaixada da China pela iniciativa, que propiciou oportunidade pioneira para a mobilização de parceiros do Núcleo Ásia com vistas a contribuir para temática de grande relevância para as relações internacionais do Brasil.

O projeto reuniu cerca de 30 especialistas brasileiros de alto nível em diversas áreas (academia, sociedade civil, setor privado e setor público) em três reuniões fechadas, por meio de videoconferências de duas horas de duração, nos dias 18 e 22 de fevereiro e 23 de março de 2022, sob as regras de Chatham House. As duas primeiras reuniões tiveram como foco, respectivamente, os temas “Economia, Finanças e Comércio” e “Governança Global”. A terceira reunião foi dedicada à síntese e aprofundamento dos dois primeiros encontros, e permitiu abordar a temática anterior sob novo contexto internacional, após o início da guerra na Ucrânia.

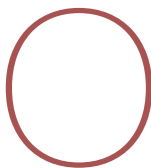
O projeto teve a coordenação-geral do Embaixador Marcos Caramuru de Paiva e foi desenvolvido pelos *Senior Fellows* Tatiana Rosito e José Mario Antunes, com apoio da equipe do Núcleo Ásia. Cada reunião baseou-se em roteiros pré-determinados e algumas perguntas orientadoras, e propiciou amplo debate. O presente Sumário Executivo apresenta uma síntese das discussões.

SUMÁRIO

EXECUTIVO

O CEBRI realizou, em fevereiro e março de 2022, três reuniões fechadas com especialistas brasileiros da academia, do setor privado, do setor público e da sociedade civil para debater as perspectivas para o BRICS em 2022, ano que a presidência rotativa do grupo cabe à China.





s debates visaram mapear tendências e identificar proposições concretas para, a partir de uma visão brasileira, informar a agenda e aprimorar a atuação conjunta e a projeção internacional do grupo. O desenvolvimento e a coordenação do projeto couberam ao CEBRI. Seus resultados constituem insumos para a presidência chinesa do BRICS, mediante cooperação com a Embaixada da China no Brasil. Oferecem também contribuição para o debate sobre temáticas de relevância para as relações internacionais do Brasil.

O BRICS tem-se revelado um esforço político-diplomático que, em pouco mais de uma década, produziu resultados concretos (e.g. NDB, ACR, entre outros) e segue despertando interesse, pelo potencial que oferece para a cooperação entre seus membros em diversas áreas (comércio e investimentos, transição energética, economia digital, saúde, sustentabilidade, biodiversidade, contraterrorismo, inovações financeiras, entre muitas outras) e por ser um singular mecanismo de concertação num mundo multipolar.

Constatou-se, no seio do grupo de especialistas, diversidade de opiniões sobre o BRICS, bem como a existência de um hiato de informação sobre o trabalho desenvolvido. Ao mesmo tempo em que as declarações anuais de chefes de Estado refletem agenda ampla, regular e densa de diálogo, coordenação e cooperação, faltam mecanismos de acompanhamento das decisões e proposições. Além disso, o seguimento do BRICS fora dos governos é dificultado pela inexistência de canais permanentes de divulgação e de consolidação de dados. Faltaria, ainda, clareza sobre o papel internacional do BRICS, que, para alguns, tem seu potencial aumentado no contexto atual e, para outros, estaria em declínio num mundo marcado por novas divisões.

Existe a expectativa de que o grupo permita identificar oportunidades mais concretas de cooperação em temas como inovação, comércio, investimentos, financiamentos em moeda local, saúde, energia, sustentabilidade. Para muitos, o BRICS, cujas reuniões anuais multiplicam-se em mais de uma centena de foros de diálogo e documentos, necessitaria de uma estratégia mais específica e com maior foco para produzir um efeito transformador. Para alguns, o NDB poderia atuar como um ponto de reflexão e, eventualmente proposição de estratégias com características inovadoras no campo do desenvolvimento. Para outros, os encontros anuais de Cúpula, por envolverem os Chefes de Estado de cinco países relevantes na cena internacional, por si sós individualizam o Grupo, não sendo necessário ampliar o seu escopo ou institucionalizar procedimentos.

Partindo do pressuposto de que há espaço para aprimoramento da atuação conjunta e da inserção mundial do BRICS como expressão de um mundo multipolar, as discussões foram guiadas para explorar o potencial do grupo em temas centrais da agenda internacional e na expansão da cooperação entre os membros. As reuniões tiveram como foco os temas de

“Economia, Finanças, Comércio e Investimentos” e “Governança Global”, além de propiciarem discussão preliminar sobre o futuro do BRICS pós-invasão da Ucrânia. Discutiram-se, entre outros pontos, o fortalecimento do comércio e do investimento intra-BRICS para alavancar a recuperação pós-pandemia e contribuir para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); como impulsionar a complementaridade das cadeias de suprimentos e estimular investimentos para promover a complementaridade produtiva. A força gravitacional da China nos BRICS foi realçada por muitos.

Para o Brasil, ressaltou-se que o BRICS deve ser percebido como oportunidade de diversificar e agregar valor à pauta comercial e de aumentar o comércio internacional intraindústria. Embora, até o momento, os resultados no segmento comercial tenham sido modestos ou mesmo inexistentes, há percepção vívida de que o Grupo propicia uma porta de entrada para a Ásia e o Leste em geral, e de que poderia haver muito a ganhar com a criação de mecanismos que atraiam maior atenção do setor privado para a sua agenda.

Observou-se que o contexto atual de um mundo dividido e incerto quanto ao futuro pode restringir as possibilidades de coordenação entre os países do agrupamento. A assimetria entre os membros do grupo e a perspectiva de que, na nova ordem mundial que se prenuncia, as relações bilaterais tenham primazia sobre a cooperação multilateral, são alguns dos desafios para uma maior coordenação e obtenção de resultados concretos. Contudo, os países do BRICS dispõem de espaço para ampliar o seu capital político internacional, visto que estão no epicentro das maiores transformações do planeta, entre elas a transição energética, a construção da economia de baixo carbono, a revolução digital e nova revolução industrial.

Os participantes, em geral, ressaltaram a necessidade de mecanismos que permitam acompanhar a implementação dos compromissos alcançados pelos BRICS, assim como dar maior protagonismo aos diferentes segmentos da sociedade (*think tanks*, academia, empresas etc.). Foi mencionada a necessidade de se desenvolver no Brasil uma estratégia nacional para os BRICS, que derive de uma estratégia mais ampla de desenvolvimento nacional e de inserção no mundo, com maior participação da sociedade civil. Isso facilitaria definir com maior precisão os interesses do país no grupo e até mesmo explorar o potencial brasileiro na função de construtor de pontes. A possível entrada do Brasil na OCDE também é um fator que deve ser considerado.

No que se refere ao impacto da guerra da Ucrânia, suas consequências econômicas (e.g. sanções, preço das commodities, etc.) e seu potencial efeito sobre o próprio desenho da ordem internacional, pode-se antever que os esforços de cooperação intra-BRICS poderão encontrar novos obstáculos, que a conexão China-Rússia terá contornos que poderão alterar a dinâmica do grupo, e que o NDB poderá ser negativamente afetado, em particular no que diz respeito à sua inserção no mercado financeiro internacional.

Finalmente, sobressaiu a percepção de que o BRICS pode vir a ter a sua relevância aumentada num mundo em que a geopolítica tende a ganhar primazia sobre os fatores econômicos que regem as relações entre os países. Nesse caso, contudo, os desafios de coordenação poderão ser ainda maiores que os atuais.

RESUMO DAS RECOMENDAÇÕES

ECONOMIA, FINANÇAS,
COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

GEOPOLÍTICA E
GOVERNANÇA



ECONOMIA, FINANÇAS, COMÉRCIO E INVESTIMENTOS

- 1** **Diversificar e incrementar** o valor agregado da pauta comercial e o comércio intraindústria entre os parceiros BRICS, mediante estratégias para segmentos específicos (e.g. agronegócio, bioeconomia, comércio e economia digital, produtos farmacêuticos e vacinas etc.), por meio do apoio ao maior envolvimento de pequenas e médias empresas e da definição de metas concretas, que possam ser verificadas.
- 2** **Promover uma agenda positiva** focada em transferência de tecnologia, biotecnologia, transição e segurança energética, sustentabilidade, através da criação de programas conjuntos, da adoção de políticas comuns que contemplem a redução de riscos nas interações intra-BRICS, alguma coordenação tributária e a criação de linhas de crédito específicas. Focar, em particular, nos investimentos relacionados à inovação, energia e infraestrutura de baixo carbono.
- 3** **Apoiar o desenvolvimento da infraestrutura** dos países membros, promovendo modelos e acordos para proteger investimentos, reduzir o risco cambial e fomentar maior cooperação entre instituições financeiras e investidores. O NDB poderia ampliar o seu papel como centro de referência e de cooperação entre os BRICS em infraestrutura, ODS e implementação do Acordo de Paris.
- 4** **Explorar a possibilidade de promover oportunidades de comércio e investimentos** a partir dos polos de interesse prioritários (inclusive setoriais) de cada país dos BRICS e de instrumentos de governança. Nesse contexto, ampliar o engajamento dos cinco países e de seu setor privado. Adicionalmente, viabilizar maior interação, nas cúpulas, entre as empresas que já participam ativamente das trocas bilaterais entre os países.
- 5** **Promover o diálogo regular**, com a participação do setor privado, sobre economia digital e proteção/regulamentação do comércio digital, levando em conta a liderança de alguns membros sobre o tema (e.g. China) e a oportunidade de construir no BRICS uma plataforma de convergência entre mercados emergentes.
- 6** **Diversificar as opções de arranjos financeiros** para diminuir o risco cambial no comércio e em investimentos: pagamentos em moedas digitais e moedas locais. O papel do NDB como financiador de infraestrutura em moeda local poderia ter efeito demonstrativo e catalizador.

GEOPOLÍTICA E GOVERNANÇA

1

Criar um site oficial que consolide informações sobre o grupo, onde se possam encontrar dados, resultados e comunicados do BRICS, como repositório do que foi feito e do que está em andamento. Acredita-se que tal coordenação institucional não comprometa a flexibilidade do grupo, mas permita ampliar o conhecimento sobre o que faz e a mobilização do setor privado nos países membros.

2

Criar um mecanismo de acompanhamento e de implementação das decisões e medidas tomadas pelo BRICS, buscando o envolvimento de *think tanks* e da academia.

3

Implementar, possivelmente sob o guarda-chuva ou liderança do NDB, um centro de reflexão e análise das interações entre as economias, que possa formular propostas e garantir a continuidade do trabalho entre as Cúpulas. A ideia seria fazer do NDB não só um braço financeiro, mas também um hub de conhecimento e de promoção de “novos caminhos do desenvolvimento”, focado principalmente na agenda internacional contemporânea, em temas como, por exemplo, a economia de baixo carbono, a operacionalização de objetivos de desenvolvimento e a implementação do Acordo de Paris.

4

Construir uma agenda positiva comum a partir dos temas de interesse dos países, entre eles a implementação de mecanismos de solução de controvérsias, por exemplo. Focar nos grandes desafios contemporâneos enfrentados pelos BRICS (sustentabilidade, saúde, transição para economia 4.0, economia de baixo carbono, etc.).

5

Promover um maior engajamento entre o continente euroasiático, o continente africano e a América do Sul. Nesse contexto, o Brasil teria um papel a exercer na construção de pontes multilaterais e regionais.

6

Promover maior engajamento de diversos setores nos fóruns que antecedem as cúpulas, de modo a tornar a agenda dos BRICS mais inclusiva. No caso brasileiro, incentivar o debate ampliado e plural na sociedade sobre o BRICS com vistas a contribuir para uma definição mais clara da estratégia do País para o BRICS e de como ela se relaciona aos objetivos de desenvolvimento econômico sustentável e a outros objetivos da política externa.

Conselho Curador

Presidente

José Pio Borges

Presidente Emérito

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidentes

Jorge Marques de Toledo Camargo

José Alfredo Graça Lima

Tomas Zinner

Fundadores

Carlos Mariani Bittencourt

Celso Lafer

Daniel Klabin

Gelson Fonseca Jr.

João Clemente Baena Soares

Marcus Vinicius Pratini de Moraes

Maria do Carmo (Kati) Nabuco de Almeida Braga

Roberto Teixeira da Costa

Eliezer Batista da Silva *(in memoriam)*

Luciano Martins de Almeida *(in memoriam)*

Luiz Felipe Palmeira Lampreia *(in memoriam)*

Luiz Olavo Baptista *(in memoriam)*

Sebastião do Rego Barros Netto *(in memoriam)*

Walter Moreira Salles *(in memoriam)*

Vice-Presidentes Eméritos

Daniel Klabin

José Botafogo Gonçalves

Luiz Augusto de Castro Neves

Rafael Benke

Conselheiros Eméritos

Luiz Felipe de Seixas Corrêa

Luiz Fernando Furlan

Marcos Azambuja

Pedro Malan

Rubens Ricupero

Winston Fritsch

Diretora-Presidente

Julia Dias Leite

Conselheiros

André Lara Resende

André Clark

Armando Mariante

Armínio Fraga

Clarissa Lins

Claudio Frischtak

Demétrio Magnoli

Edmar Bacha

Henrique Rzezinski

Ilona Szabó

Izabella Teixeira

Joaquim Falcão

José Aldo Rebelo

José Luiz Alquéres

Luiz Ildefonso Simões Lopes

Marcos Galvão

Paulo Hartung

Renato Galvão Flôres Jr.

Roberto Abdenur

Roberto Jaguaribe

Ronaldo Veirano

Sergio Amaral

Vitor Hallack

Associados

Aegea	Embaixada da China no Brasil	Michelin
Altera	Embaixada da República da Coreia	Microsoft
BAMIN	Embraer	Museu do Amanhã
Banco Bocom BBM	ENEVA	Neoenergia
BASF	ENGIE Brasil	Paper Excellence
BAT Brasil	Equinor	Patri
Bayer	ExxonMobil	Petrobras
BDMG	FCC S.A.	Pinheiro Neto Advogados
BMA Advogados	Galp	Promon
BRF	Grupo Lorentzen	Prumo Logística
Bristow	Grupo Ultra	Repsol Sinopec
Brookfield Brasil	Haitong	Sanofi
Captalys Investimentos	Huawei	Santander
CCCC/Concremat	IBÁ	Shell
Consulado Geral da Irlanda em São Paulo	IBRAM	Siemens
Consulado Geral da Noruega no Rio de Janeiro	Icatu Seguros	Siemens Energy
Consulado Geral dos Países Baixos no Rio de Janeiro	Instituto Clima e Sociedade	SPIC Brasil
Consulado Geral do México no Rio de Janeiro	Itaú Unibanco	State Grid
CTG Brasil	JETRO	Suzano
EDP	Klabin	Tecnoil
Eletrobras	Lazard	Total E&P do Brasil
	Light	Unilever
	Machado Meyer	Vale
	Mattos Filho Advogados	Veirano Advogados
		Vinci Partners

Senior Fellows

Adriano Proença	Fernanda Magnotta	Patrícia Campos Mello
Ana Célia Castro	Franciso Gaetani	Paulo Sergio Melo de Carvalho
Ana Paula Tostes	Igor Rocha	Pedro da Motta Veiga
Ana Toni	José Mario Antunes	Philip Yang
André Soares	Larissa Wachholz	Ricardo Ramos
Benoni Belli	Leandro Rothmuller	Ricardo Sennes
Carlos Milani	Leonardo Burlamaqui	Rafaela Guedes
Carlos Pereira	Lia Valls Pereira	Rogério Studart
Daniela Lerda	Lourival Sant'anna	Ronaldo Carmona
Denise Nogueira Gregory	Mário Ripper	Sandra Rios
Diego Bonomo	Matias Spektor	Tatiana Rosito
Evangelina Seiler	Miguel Correa do Lago	Vera Thorstensen
Fabrizio Sardelli Panzini	Monica Herz	Victor do Prado

Equipe CEBRI

Diretora-Presidente

Julia Dias Leite

Diretora de Relações Externas

Carla Duarte

Diretora de Projetos

Luciana Gama Muniz

Diretor Acadêmico

Feliciano Guimarães

Projetos

Diretora Adjunta de Projetos

Marianna Albuquerque

Diretora Adjunta de Projetos

Ana Paula Marotte

Diretora Adjunta de Captação para Projetos

Maria Eduarda Marques

Coordenadoras de Projetos

Barbara Brant

Léa Reichert

Marina Liuzzi

Analistas de Projetos

Eduardo Neiva Souza

Thais Jesinski Batista

Assistentes de Projetos

Beatriz Pfeifer

Larissa Vejarano

Relações Institucionais

Coordenadora de Parcerias

Cintia Hoskinson

Coordenadora de Relações Institucionais

Fernanda Araripe

Coordenador de Projetos Especiais

Caio Vidal

Coordenador Institucional

Fernando Mattos

Analista de Projetos Especiais

Lucas Bilheiro

Analista de Relações Institucionais

Bruno Garcia

Estagiário

Heron Fiório

Comunicação e Eventos

Diretora Adjunta de Relações Externas

Betina Moura

Coordenadora de Eventos

Nana Villa Verde

Analistas de Eventos

Adriano Andrade

Vitória Gonzalez

Assistente de Eventos

Isabella Ávila

Assistente de Comunicação

Daniele Thomaselli

Analista de TI

Eduardo Pich

Secretária Executiva

Rigmor Andersen

Administrativo e Financeiro

Coordenadora Administrativa-Financeira

Fernanda Sancier

Analista Administrativo

Kelly C. Lima

CEBRI

CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Rua Marquês de São Vicente, 336
Gávea, Rio de Janeiro - RJ - Brasil
22451-044

Tel: +55 (21) 2206-4400
cebri@cebri.org.br

[@cebrionline](#)

cebri.org